

ATRAVESSIA DA ESCRITA: HELDER MACEDO, LEITOR DE MACHADO DE ASSIS

Osmar Pereira Oliva*

O Machado é mais complicado, porque encontrou aquela maneira muito especial de falar do que é no modo condicional, dizendo ao mesmo tempo o que poderia não ser e portanto poderá vir a ter sido, como Deus nos anos 60. Mulato ressentido, fartaram-se os críticos de dizer até que se fartaram.
Macedo, 1999a, p. 214

Relações luso-brasileiras: entre o ressentimento e o fascínio. Aproveito o tema deste Simpósio para entrar no bosque que o narrador da obra *Pedro e Paula* me apresenta, a partir do título (machadiano) e das seis epígrafes que antecedem à narrativa. Aceito o pacto ficcional, de que “o que certamente não aconteceu foi talvez o seguinte”, tenho que adentrar esse bosque, derrubar algumas árvores e construir um caminho, de tantos possíveis que uma obra bem escrita pode proporcionar.

Menos por ingenuidade do que por sedução, escolho o mais evidente, mas, nem por isso, menos sedutor: Helder Macedo leitor de Machado de Assis. Dispensável será resumir a trama desse romance, cuja ressonância machadiana evoca a já conhecida oposição/competição entre gêmeos, da obra *Esau e Jacó*. No entanto, como bem sabemos, todo texto literário é absorção, transformação. Seguindo essa pista, melhor será reformular o que eu disse anteriormente: *Pedro e Paula* é a história de dois gêmeos que não se opõem, não competem, mas buscam, tragicamente, uma fusão, um estar-dentro-do-outro, evocando aquele mítico gênero humano de que nos fala Aristófanes em *O Banquete*, de Platão: o andrógino, constituído de parte masculina e parte feminina. *Pedro e Paula* é,

* Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

antes de tudo, uma história de amor em abismos que repete, em certo sentido, outras histórias bem menos resolvidas, como as de Pedro, Paulo e Flora; Capitu, Bentinho e Escobar.

Marisa Corrêa Silva (2002), em seu interessante ensaio sobre *A viagem em Pedro e Paula*, afirma que esse romance “pode ser lido como uma narrativa de peregrinação”, pois suas personagens migram para diferentes tempos e espaços, buscando valores e chances de realização pessoal. Ao narrar essas “peregrinações”, o narrador vai revelando algumas importantes transformações por que passou o mundo Ocidental, na segunda metade do século XX, como a queda do muro de Berlim, o advento do feminismo e a liberalização dos costumes. É nesse sentido que o ensaio de Maria Corrêa Silva evolui, pois as personagens centrais de *Pedro e Paula* transitam de Lourenço Marques para Moçambique, França, Londres e, por último, retornam a Lisboa.¹

Paula se destaca das outras personagens porque representa a mulher reprimida sexual e politicamente. A sua saída de Portugal, negando as autoridades política e paterna, e o seu relacionamento com pessoas mais liberais e “subversivas”, em França e em Londres, fazem dela uma mulher independente, diferente da sua mãe. Nesse sentido, como diz Mônica do Nascimento Figueiredo (2002, p. 2):

Esta mulher inaugura um novo tempo, é a mulher da geração das que trabalham fora e, portanto, assumiram a rua como espaço também possível. Paula é uma transeunte, uma pedestre por excelência que se atreve, rejeitando séculos de reclusão, a dominar o espaço e a querer mais que o abrigo de uma casa.

Ainda que a sua discussão esteja mais voltada para a questão do corpo desabrigado, Figueiredo aponta, ligeiramente, a busca de Paula por um certo aprendizado da liberdade, que se dá pela substituição simbólica do pai biológico pelo padrinho. De uma certa forma, essa substituição confirma a negação da ordem patriarcal e da ordem colonial portuguesas. Paula se une a Gabriel, seu

1 Sobre o tema da travessia, das viagens, em *Pedro e Paula*, veja, também, o ensaio de DAL FARRA, M. L. De *Pedro e Paula*: um caso de amor de Helder Macedo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 6. Disponível em: <<http://victorian.fortunecity.com/statue/44>> Acesso em: 2002.

padrinho, mas que pode ser seu pai biológico, e é violentada e possuída por Pedro, seu irmão gêmeo, que pode, possivelmente, ser o pai de Filipa. Essa relação incestuosa entre irmãos reencena, ainda, uma outra história de amor: a história de Carlos Eduardo e Maria Eduarda, personagens de *Os Maias*, de Eça de Queirós. Como se vê, a escrita de Helder Macedo atravessa os mares e busca, em Eça e em Machado, o escopo do amor, sob múltiplos pontos de vista. Cabe ressaltar que Helder Macedo resolve o conflito do incesto pela via do faz-de-conta, pois narra aquilo que “certamente não aconteceu”. Ou, como afirmou o próprio Helder Macedo (1999b, p. 68), “não há incesto em *Pedro e Paula* (...) há uma violação, que é outra coisa, que nada tem a ver com a sexualidade ou com o amor.” O incesto, nessa obra, deve ser entendido como uma metáfora política ou metáfora amorosa. O incesto é uma violação que põe em evidência não a sexualidade em si, mas o des-amor, a posse indevida e a usurpação do outro. É esse o sentido para a transgressão que Pedro impõe a Paula. Por outro lado, enquanto metáfora política, a violação é mais dolorosa, se não, mais trágica, pois evoca os últimos 50 anos da vida portuguesa, de diásporas, colonialismos e ditaduras que, em nome do controle das almas, dos corpos e do poder econômico, gravaram em brasa o signo da interdição dos desejos e das liberdades, semelhante às “borboletas” inscritas nos ombros dos colonizados africanos, controlados pelo pai dos gêmeos, nessa narrativa.

É como metáfora da violação das regras impostas pela ditadura e negação do regime patriarcal e colonialista que devemos compreender o desejo de Paula por Gabriel e a sua união “informal” a ele, seu padrinho, homem mais velho, exilado de Portugal em Londres – espaço que configura o lugar do encontro das diferenças para se constituir uma identidade: a de Paula, mulher, livre, independente, que escolhe seus amantes e até mesmo uma intervenção cirúrgica para não entregar a virgindade a um homem. Assim, quanto ao incesto, não há remorso por parte de Pedro e nem ressentimento por parte de Paula, que conta à filha o fato ocorrido entre ela e seu irmão gêmeo. Quem fica mesmo intrigado é o leitor, nessa pista de mão dupla que a boa literatura pode oferecer.

No capítulo 12 (Pois é...), o narrador nos diz que “Sobra agora a pergunta que ainda não consegui fazer à Paula” (Macedo, 1999a, p. 214) e que o leitor atento já terá formulado e para a qual, talvez, já tenha a resposta: Filipa é filha de Pedro ou de Gabriel? Ao que Paula responde: “De modo que estás a ver, meu caro senhor escritor, andas há dias a querer perguntar-me e não consegues: a Filipa só pode ser filha dele.” (Macedo, 1999a, p. 236). No entanto, a resposta de Paula soa-nos truncada e fingida pois, ao falar de Gabriel, com quem diz ter aprendido a sua liberdade, ela fala também de Pedro, que havia deixado dentro dela o sabor a morte, de maneira que o pronome demonstrativo – dele – pode,

perfeitamente, remeter a paternidade a Pedro e, também, a Gabriel. Enigmática Capitolina se faz a nossa Paula. Aqui, retomo, de fato, a leitura que Helder Macedo faz de Machado de Assis. Quanto à forma, Macedo recupera o diálogo com o leitor virtual e explica, à maneira de Machado, de onde surgem suas personagens e como o livro vai sendo escrito:

Mas o curso da História é sempre só como foi porque os antepassados, muitos ou poucos, nunca ajudam e a democracia ficou adiada para quando os gêmeos estivessem quase a completar vinte e nove anos que foi quando direi que os conheci para se tornarem nos que deste livro haviam de ser. Cumpre-nos portanto para já ir conjecturando nos próximos capítulos em que estado lá chegaram e para já dizer um pouco mais sobre a determinante amizade de Gabriel com José Pedro Montês e Ana Paula Freire, daqui em diante só José e Ana para não confundir o leitor. (Macedo, 1999a, p. 22)

Se a história de *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, retoma a rivalidade dos gêmeos bíblicos, acrescentando o amor compartilhado pela mesma mulher, Flora, Helder Macedo desvia sua atenção para um outro aspecto – o desejo incestuoso de Pedro por Paula e de Paula por Gabriel, que parece ser o grande conflito dessa bem elaborada trama. Macedo retoma a figura do padrinho, do pai espiritual construído por Machado de Assis, o Conselheiro Aires, e o transpõe para a sua narrativa na “pessoa” do diplomata Gabriel Afonso Roriz de Ayres e Vasconcellos. Assim como em *Esau e Jacó*, também em *Pedro e Paula* o padrinho dos gêmeos teve, no passado, um caso de amor mal resolvido com a mãe de seus “afilhados”. Mas é com Helder Macedo que essa história mal resolvida evolui, já que Gabriel, podendo ser o pai biológico de Paula, passa a viver maritalmente com ela, duplicando a possibilidade do incesto, a que Paula dá pouca importância. E é nesse sentido que outra influência machadiana pode ser percebida na obra de Helder Macedo: a personalidade forte e determinada de uma mulher. O narrador-escritor chega a comentar que uma universitária brasileira chamou-lhe a atenção para o fato de que a mulher tem um tratamento especial em suas narrativas. Ora, mas que tipo de mulheres são Capitu, de *D. Casmurro*, Livia, de *Ressurreição* e Conceição, de “Missa do Galo”, só para citar alguns exemplos de mulheres

sedutoras, decididas e fortes, das obras machadianas? As narrativas de Machado de Assis podem ser compreendidas como histórias das mulheres.

O romance de Helder Macedo é também o romance de uma mulher, é a história de Paula, ou de todas as mulheres que ela simboliza, capaz de driblar a ditadura, desvencilhar-se do controle paternalista e emigrar-se de Portugal para a França e para Londres e, ainda, capaz de suportar a debilidade física e moral de seu irmão gêmeo, fracassado, em todos os sentidos, no amor e no trabalho. Talvez seja por isso que Pedro se vinga de Paula, da maneira mais cruel e violenta possível, para afirmar sua masculinidade e seu poder sobre o feminino:

Sabes o que é que eu não consigo mesmo perdoar-te, Pedro? É que afinal tu és irremediavelmente, irrecuperavelmente menor. Apenas um pobre-diabo...

E então... Bom, o resto foi rápido e brutal. Pedro avançou para a irmã de punho erguido, empurrou-a, ela caiu, ele caiu sobre ela, rasgou-lhe a camiseta, comprimiu-lhe os seios, bateu-lhe várias vezes com a nuca no chão, hesitou por um brevíssimo momento quando a percebeu atordoada, levantou-lhe a saia sobre o ventre, quebrou o elástico das calcinhas de seda, baixou-as até conseguir desembaraçá-la dos pés, abriu a braguilha, tirou das calças o pênis erecto, afastou-lhe as coxas com ambas as mãos, penetrou-a num orgasmo imediato, que esfriou rapidamente, viscoso, em parte derramado sobre a vagina contraída. (Macedo, 1999a, p. 210)

O leitor mais atento já havia percebido a fraqueza de Pedro e o fascínio que Paula exercia sobre ele. O leitor poderia mesmo esperar um desfecho incestuoso, mas não com esse realismo brutal, descrito em um único parágrafo, atordoando-lhe. O que se segue, daí em diante, até o fim do romance, é o enigma de Paula/Capitu – quem é o pai de sua filha/filho? Dúvida que, a meu ver, atravessa os mares, chega a Londres, ao King's College, para inquietar Helder Macedo, provocando-o a escrever um romance impregnado de outras vozes, de outros silêncios, de outros ressentimentos e de outros fascínios. *Pedro e Paula* reúne, portanto, várias histórias de amor, representadas, sobretudo, na ficção de Machado de Assis e de Eça de Queirós, cujas personagens dão densidade à trama de Helder Macedo e duplicam o enigma do desejo interdito, mas que, por alguns instantes, encontra uma brecha e rompe as barreiras das convenções

sociais, patriarcais, religiosas e morais, para mostrar que *Eros* pode adormecer, mas morrer, jamais!

Apesar de Macedo afirmar que Ana seja a personagem fulcral desse romance, o “teatro de sombras”, que papel desempenha Gabriel, além de ser a possibilidade da transgressão e da violação das normas que Paula tanto almeja? Ele é apenas espelho em que Paula se projeta para autoconhecer-se ou poderia ser, também, um duplo do autor, projeção autobiográfica de Helder Macedo? Não é demais ressaltar que, em um texto intitulado “Almeida Garrett e as ambigüidades do Romantismo” (1999c), Macedo comenta três autores do século XIX, aproximando-os dos seus possíveis duplos: Machado de Assis/Conselheiro Aires (*Esau e Jacó*), Almeida Garrett/Carlos (*Viagens na Minha Terra*) e Eça de Queirós/João da Ega (*Os Maias*). Isso porque, como diz Helder Macedo, toda história que se conta, implicitamente, “inclui a história do autor que a está escrevendo e, portanto, mesmo se disfarçadamente, a revelar a sua subjetividade no que escreve.” (Macedo, 1999c, p. 82). Portanto, não é de se estranhar se encontrarmos na ficção de Helder Macedo referências explícitas à vida do autor que assina a capa de seus livros. Essas referências pessoais, como afirma Ida Maria Santos Ferreira Alves (1997), são necessárias para compreender melhor a travessia do escritor/homem Helder Macedo, por meio de uma escritura “ludicamente autobiográfica a rever, através da memória, os lugares de sua vida e a repensar os espaços sociais de sua existência: a família, a cultura portuguesa, a história colonialista e a escritura literária.” (Alvez, 1997, p. 273-274) No entanto, essa reflexão fica adiada para outra oportunidade.

Quanto aos demais aspectos históricos e culturais, pouca coisa do Brasil é recuperada. A imagem do Brasil, nessa narrativa, parece ser a dos quintos dos infernos, um castigo para Pedro, caso não terminasse o curso de Medicina, e o lugar do exílio para Gabriel, imposto pela ditadura salazarista. Mas o grande legado que o narrador-escritor, duplo de Helder Macedo, pretende deixar, é a leitura dos seus clássicos preferidos, como ele diz, referindo-se à educação que gostaria de oferecer à filha de Paula:

Gostaria, é claro, que ela viesse estudar português no King’s, que não perdesse as suas raízes, dar-lhe o Bernardim e o Camões, o Garrett, o Cesário e o Eça, mandá-la ler o Machado de Assis embora já não seja eu quem ensina a Literatura Brasileira – tudo por aqui cada vez mais especializado, o que por vezes é uma grandíssima chatice – para que entendesse logo sem ser preciso

alguém dizer, e já que vive na Inglaterra, que a Thatcher foi outra encarnação do Quincas Borba depois do cão, a privatizar as batatas aos vencedores. (Macedo, 1999a, p. 214)

Como se vê, os autores citados são os mesmos que Helder Macedo seleciona para compor as epígrafes de *Pedro e Paula*. Ele elege esses autores como os seus preferidos e gostaria que fossem os autores preferidos de Filipa, mesmo enunciando o seu discurso de Londres, revelando-nos o seu fascínio pelas nações gêmeas, Brasil e Portugal – seria esta uma metáfora do desejo de irmandade, de uma literatura de expressão portuguesa universal, capaz de sustentar-se sem a influência das literaturas inglesa e francesa? O certo é que nenhuma dessas referências é aleatória, pois “todas elas estão interiorizadas no texto, são parte da textura literária do texto.” (Macedo, 1999b, p. 69)

RESUMO

Neste ensaio, pretendo discutir a influência da obra machadiana sobre a produção literária de Helder Macedo, especificamente *Pedro e Paula*. Procuraremos analisar a travessia da escrita, uma vez que o autor português lança um olhar descentrado sobre a literatura brasileira, ao visitar o romance *Esau e Jacó*, de Machado de Assis. Que elementos da escrita machadiana são recuperados? Resgata-se apenas a maneira de escrever ou aspectos da nossa cultura? Este ensaio procura refletir sobre essas questões.

Palavras-chave: Helder Macedo, *Pedro e Paula*, Machado de Assis, *Esau e Jacó*, literatura comparada.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, on prétend discuter l'influence de l'oeuvre machadienne sur la production littéraire de Helder Macedo, particulièrement *Pedro e Paula*. On cherche à analyser la travessie de l'écriture, une fois que l'auteur portugais envoie un regard décentré sur la littérature brésilienne, lors qu'il revisite le roman *Esau e Jacó*, de Machado de Assis. Quels éléments de l'écriture machadienne sont récupérés? On récupère seulement la

manière d'écrire ou des aspects de notre culture? Das ce travail, on cherche à réfléchir sur les questions posées ci-dessus.

Mots-clés: Helder Macedo, Pedro e Paula, Machado de Assis, Esaú e Jacó, littérature comparée.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. S. F. A escrita em Mosaico: uma leitura de Partes de África. In: CORRÊA, A. A. (Org.). *Navegantes dos mares às letras* – ideário da navegação na literatura portuguesa. Londrina: Ed. da UEL, 1997. p. 273-281.

DAL FARRA, M. L. De *Pedro e Paula*: um caso de amor de Helder Macedo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 6. Disponível em: <<http://victorian.fortunecity.com/statue/44>> Acesso em: 2002.

FIGUEIREDO, M. do N. O corpo: essa casa no mundo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 6. Disponível em: <<http://victorian.fortunecity.com/statue/44>> Acesso em: 2002.

MACEDO, H. Almeida Garrett e as ambigüidades do Romantismo. *Scripta, Revista de Letras da PUC/MINAS*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 80-88, jul./dez. 1999c.

MACEDO, H. *Pedro e Paula*. São Paulo: Record, 1999a.

MACEDO, H. Teatro de sombras. *Cult – Revista Brasileira de Literatura*, n. 27, out. 1999b. Entrevista.

SILVA, M. C. A viagem em *Pedro e Paula*, de Helder Macedo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS. Disponível em: <<http://victorian.fortunecity.com/statue/44>> Acesso em: 2002.